

POP



Novo álbum do Depeche Mode, "Sounds of The Universe", prova que eles não perderam o dom de criar músicas pop matadoras e ainda têm muito a oferecer musicalmente

Todos os sons do universo

Dois dos maiores nomes do tecno pop dos anos 1980, os ingleses do Depeche Mode e do Pet Shop Boys, estão de volta com novos trabalhos

FÁBIO FREIRE
Repórter

O que o trio Depeche Mode e a dupla Pet Shop Boys têm em comum? Muita coisa. Apesar de ambos apostarem em sonoridades diferentes, o primeiro busca um tom mais sombrio e o segundo apela para um som mais colorido, o Depeche Mode e o Pet Shop Boys são ingleses, trazem os teclados como marca registrada e se tornaram referência como importantes nomes do tecno pop oitocentista. Ambos perderam espaço nos anos 1990, mas continuaram produzindo e acabam de lançar novos trabalhos. Coincidentemente, os novos CDs foram lançados mundialmente no mesmo dia, 21 de abril: "Sounds of The Universe", 12º. disco da carreira do Depeche Mode; e "Yes", 10º. do Pet Shop Boys.

Ainda sem previsão de lançamento nacional, os dois trabalhos já vazaram na internet e mostram que, tanto o Depeche Mode quanto o Pet Shop Boys, são bandas que merecem continuar sob os holofotes musicais da mídia. O trio formado por David Gahan, Martin L. Gore, Andrew Fletcher, responsáveis por sucessos como "Enjoy The Silence" e "Strangelove", chegam à maturidade musical com um trabalho redondo e que tenta recuperar o prestígio perdido do trio, uma das maiores bandas pop da virada da década de 1980. Já o duo composto por Neil Tennant (vocal) e Chris Lowe (teclados) deixam um pouco de lado o pop dançante e apresentam um álbum com um tom mais melancólico, mesmo sem deixar de lado o viés eletrônico que caracterizou hits como "West End Girls" e "It's a Sin".

Fusões sonoras

Dos dois, quem mais sofreu com o passar dos anos foi o Depeche Mode, abalado pelos problemas de drogas envolvendo o vocalista Gahan. Os últimos trabalhos ("Exciter", de 2001, e "Playing The Angel", de 2005), por exemplo, passaram praticamente despercebidos pelo público, ainda que elogiados pela crítica, e nem de longe lembraram os tempos

do genial "Violator" (1990). "Sounds of The Universe" coloca o trio de volta aos trilhos e, se não representa uma guinada na trajetória da banda, mostra que eles continuam capazes de produzir canções matadoras, caso de "Wrong", primeiro single e, de longe, a melhor do disco, não devendo nada a hits poderosos como "Personal Jesus", "The Policy of Truth" e "A Question of Lust". Faixas como "Fragile Tension", "In Sympathy" e "Miles Away" comprovam que o Depeche Mode ainda tem muito a oferecer à música pop e mesclam experimentações sonoras marcadas por intervenções eletrônicas, melodias apoiadas no vocal de Gahan e letras pessimistas.

Ainda que nunca tenham sido muito fãs de guitarras, o Depeche Mode sempre trouxe uma pegada mais rock do que dançante em suas canções. Em "Sounds of The Universe", eles seguem caminho semelhante e o álbum trafega entre o passado e o futuro: os teclados oitocentistas continuam uma presença certa, mas são utilizados de maneira mais diluída, e as interferências sonoras demonstram a intenção da banda de inovar e buscar uma nova sonoridade, mesmo que inspirada pela fusão habitual entre música eletrônica, pop e rock.

Mesmo com um potencial comercial limitado, já que são poucas as faixas que trazem refrões marcantes e grudentos e com melodias mais características da música pop, "Sounds of The Universe" mostra que o De-



Sounds of The Universe
Depeche Mode

peche Mode continua uma banda criativa, apesar de estarem há quase 30 anos na estrada. Se o álbum não chega a ser totalmente empolgante ("Little Soul", "Perfect", a instrumental "Spacewalker" e "Jezebel" pouco acrescentam à carreira da banda), ele prova que os novos nomes do cenário pop (The Ting Tings, Sam Sparrow, Alphabeat, La Roux etc.) que se alimentam dos típicos sintetizadores dos anos 1980 têm muito em quem se inspirar.

Faceta cinza

O caso do Pet Shop Boys é menos grave e, ainda que tenham dividido a atenção da crítica e do público com as bandas que surgiram nos anos 2000 sob forte influência dos anos 1980, o duo sempre manteve um trabalho coeso, mesmo que o único grande hit recente seja o já esquecido "New York City Boy". "Yes", porém, é um trabalho mais "discreto" de Tennant e Lowe. Esqueça a pegada gay e, essencialmente, dançante da dupla. Mesmo que



Yes
Pet Shop Boys

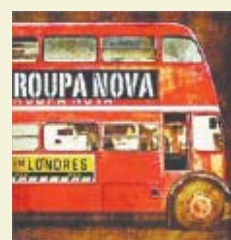
algumas faixas bebam na fase mais colorida do Pet Shop Boys, o disco apresenta também uma faceta mais cinza dos ingleses.

É justamente essa guinada sonora que garante os melhores momentos do CD. Enquanto "Love etc.", "All Over The World", "Pandemonium" e "Building a Wall" são mais do mesmo feito com competência, são as faixas que fogem da sonoridade habitual da dupla que se destacam em "Yes". Caso da romântica "King of Rome" e de "The Way It Used to Be", a melhor do disco. Outras que vão além do básico são "Beautiful People", "Did You See Me Coming?" e "More Than a Dream". Mesclando melancolia com canções de refrão pegajosos para se jogar na pista de dança, "Yes" é o melhor álbum dos Pet Shop Boys em tempos. Se os anos 1980 não saíram de moda, musicalmente falando, os ingleses do Depeche Mode e do Pet Shop Boys ainda têm muito a ensinar aos músicos da nova geração. ■



Pet Shop Boys: duo inglês que marcou o tecno pop dos anos 1980, formado por Neil Tennant e Chris Lowe, está lançando o álbum "Yes"

Mingau Pop



ROUPA NOVA
MUSIC
2009
15 FAIXAS
R\$ 20

Em Londres

Roupa Nova

Há anos sem um disco de inéditas, o Roupas Nova decidiu gravar seu novo álbum no Abbey Road, lendário estúdio que costumava receber os Beatles. Mas milagres são raros e a banda carioca continua a ser o que é, o meio termo entre Air Supply e KLB. O resultado é irregular, em parte porque o som do grupo envelheceu mal (hoje soa demasiado brega), em parte por errar certas apostas. "Todas elas" é uma tentativa frustrada de fazer uma música "concretista" à Titãs, falando de mulheres. "Sonho" é outra baba descartável. Para salvar algo, vale conferir "Reacender".



MUSIC SOLUTION
2009
11 FAIXAS
R\$ 20

Opinião Pública

Eis um grupo que se arrisca. Na capa, aparece o quarteto com cara de moderninhos; a abertura do disco é um cover rocker de "Firmamento" (Cidade Negra), com participação de Toni Garrido. Se depois disso você não tiver largado o CD, terá algumas boas surpresas (e outras, nem tanto). "Vem dançar comigo", segundo single do álbum, é um bom rock de levada brit pop. "Tudo bem" é outra na linha, remetendo os Libertines. Claro que há abobrinhas, mas o resultado final é positivo.



MZA MUSIC
2009
11 FAIXAS
R\$ 18

Ligado... Mandala

O visual engana: Mandala não é mais um grupo emo a tentar cair nas graças dos adolescentes. O que não é, necessariamente, uma boa notícia. De "Não diga", faixa de abertura, ao fechamento com "Não mais", o quinteto faz um pop rock com pouca identidade. O som caminha mais para um NZ Zero, enquanto os vocais são chupados do Capital Inicial. Há, é claro, as baladas ("Ligado por nós dois"). A estréia não convence e, se você quiser o tal de pop rock, vá nos originais.



URUBUZ
2009
14 FAIXAS
R\$ 20

Paraguayo

Para salvar o Mingau Pop, o terceiro disco do Cueio Limão, grupo de hardcore do Mato Grosso. Apesar do encarte latino, não há tempo para latinidades no álbum. "Paraguayo" é um disco onde só cabem hardcore e punk rock - e o que fica entre um e outro. A banda se destaca por certo apelo, mesmo sobre toneladas de distorção, e pelo humor das letras. Destaque para os punks "Quando tocar na TV" e "Até ela acordar", de linhagem ramônica; e o hardcore "Mauricinho". Atenção para a última faixa, acústica com pitadas eletrônicas. Uma ode de amor a uma certa "Garota Suvaqueira". Digna dos Raimundos.